

## INTRODUÇÃO

A presente dissertação é um estudo sobre o Trumai, língua isolada falada no Parque Indígena do Xingu (MT).

O trabalho com esta língua iniciou-se em Março de 1989, quando ingressei no programa de Mestrado da Unicamp e, a convite da prof<sup>a</sup>. Lucy Seki, passei a integrar o projeto por ela coordenado, intitulado "Projeto de Documentação e Descrição das Línguas do Parque Indígena do Xingu". Este projeto entrou em vigor em 1988 e em 1991 foi reestruturado como um projeto temático de equipe, passando a ser designado por "História e Conhecimento Linguístico dos Povos Indígenas do Parque Xingu".

Tornei-me responsável por um sub-projeto, denominado "Projeto de Documentação e Descrição da língua Trumai". Escolhi estudar esta língua por diversos fatores: em primeiro lugar, por se tratar de uma língua isolada, o que faz dela um alvo de grande interesse, já que, de certa forma, ela representa um tipo linguístico único. Em segundo lugar, pela própria situação da língua, que possui um número não muito elevado de falantes e que convive com outras línguas sendo faladas dentro das aldeias Trumai, devido à atual constituição de seu povo Trumai (cf. cap 1 - justificativa

para o estudo). Um dos idiomas falados pelos Trumai é o Português, que cada vez mais ganha espaço entre os indivíduos jovens. Tal fato representa uma certa ameaça para o Trumai e mostrou ser necessária uma maior investigação sobre esta língua, não só no sentido de documentá-la melhor (já existiam estudos sobre a língua), mas mesmo de poder oferecer à comunidade Trumai elementos que pudessem contribuir para a preservação da língua.

Fiz um levantamento bibliográfico a respeito do grupo e a partir dele, comecei a analisar os materiais existentes sobre o povo e sua língua. O material que mais examinei foi o de Aurore Monod-Becquelin (antropóloga francesa que conviveu com os Trumai de 1966 a 68), pois era o único de cunho linguístico.

Em julho de 1989, realizei minha primeira viagem ao campo, para os primeiros contatos com a comunidade. Dirigi-me à aldeia Terra Preta (médio Xingu), onde me apresentei aos líderes da comunidade e comuniquei meu desejo de estudar a língua. Depois de uma reunião entre eles, foi indicada uma pessoa para ser minha informante, Kumaru, irmã do chefe.

Kumaru passou a ser minha informante "oficial", mas com o tempo, comecei também a trabalhar com seu irmão Amati, que havia sido o informante de Monod-Becquelin, o que foi um ponto favorável, porque pude ter acesso praticamente aos mesmos dados que ela.

Contei ainda com a ajuda de outros índios Trumai, pois a comunidade, desde minha primeira estadia entre eles (e nas outras duas sub-sequentes), mostrou-se muito receptiva e interessada em me auxiliar na pesquisa, pois consideram importante que sua língua seja documentada; aliás, não só ela, mas também a história do povo, suas tradições e seus mitos. Isso permitiu a obtenção de muitas informações.

Em relação ao trabalho de Becquelin, houve de minha parte uma preocupação tanto em compreender bem o estudo por ela realizado, como também em desenvolver minha própria análise. Ou seja, a proposta era a de rever o estudo feito por Becquelin, reanalisando os pontos que me parecessem problemáticos e aprofundando os aspectos que não estivessem muito desenvolvidos.

Decidi por abordar a Fonética e Fonologia do Trumai de forma breve, dado que o estudo de Becquelin sobre este ponto é detalhado e cuidadoso, além do que concordo com sua análise quase que totalmente. Já a morfologia foi tratada aqui mais pormenorizadamente, pois minha análise difere daquela proposta por Becquelin quanto à divisão de algumas classes e quanto à análise de alguns morfemas, em especial o clítico -n/-e e o morfema i/ii, cuja ocorrência me parece muito interessante. Becquelin não menciona o morfema i/ii em seu trabalho (embora seja possível detectá-lo em algum de seus exemplos), mas esse fato é compreensível, porque alguns

falantes não empregam tanto este morfema (é o caso de Amati, que foi o informante de Becquelin); provavelmente se trata de uma diferença estilística entre os falantes. O trabalho com vários informantes, se em um primeiro momento trouxe dificuldades (pois exigiu um maior controle dos dados), com o tempo mostrou ser um fator positivo, pois permitiu visualizar melhor alguns fatos da língua.

A sintaxe da língua também foi tratada com mais profundidade nesta dissertação, pois a análise de Becquelin não interpretava adequadamente o sistema de marcação de caso do Trumai. Como veremos, o Trumai é uma língua morfologicamente ergativa. Foram apresentadas nesta dissertação algumas abordagens teóricas sobre o fenômeno da Ergatividade, pois estas abordagens permitem entender melhor a marcação de caso da língua em estudo. Sobre esse ponto, foram muito preciosas as sugestões feitas pelo prof. Dixon, com quem tive a oportunidade de trocar idéias e de quem recebi algumas orientações.

Por fim, gostaria de fazer um reconhecimento ao trabalho de Becquelin, pois apesar de algumas discordâncias sobre determinados pontos, considero seu estudo muito interessante, tendo sido ele um grande apoio para que eu pudesse realizar a presente análise.

Gostaria de lembrar ainda que o estudo aqui exposto não é exaustivo nem apresenta conclusões definitivas; muitas

delas podem estar sujeitas a mudanças, à medida em que se for aprofundando o conhecimento da língua Trumai; mas, para o presente momento, foram estes os resultados aos quais se pode chegar.